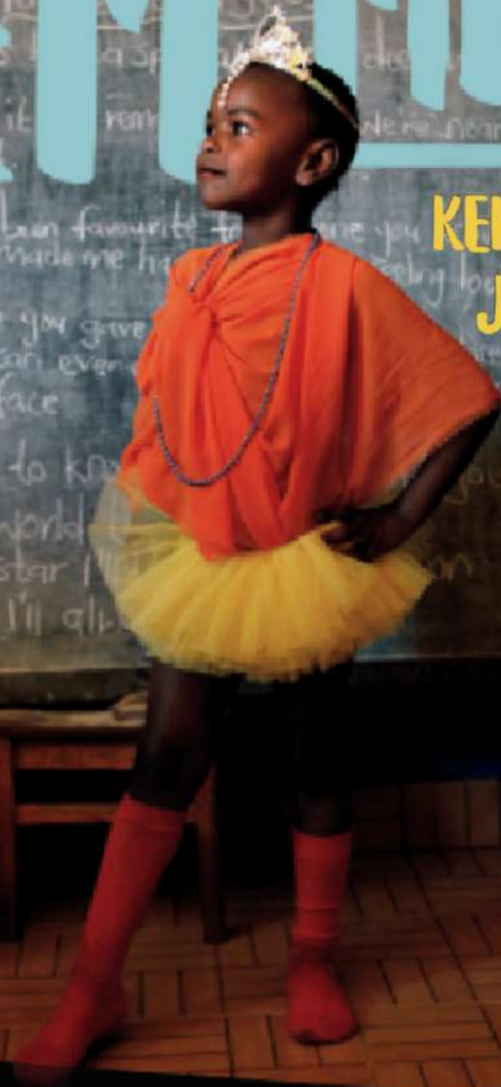


Copyrighted Material

ENCONTRE-ME SEM MEDO

KENNEDY ODEDE
JESSICA POSNER



"Encontre-me sem medo conta a história de centenas de meninas florescendo - e pelo exemplo, trazendo suas comunidades junto com elas - tudo porque Jessica e Kennedy, duas pessoas de vidas diferentes, acreditam que cada menina importa. Este livro nos oferece o maior de todos os presentes - a esperança." - GLORIA STEINEM

Copyrighted Material

**ENCONTRE-ME
SEM MEDO**

ENCONTRE-ME SEM MEDO

KENNEDY ODEDE
JESSICA POSNER



VOO

encontre-me sem medo

Autores: Kennedy Odede e Jessica Posner

Coordenação editorial: Claudia Kubrusly, Joana Mello e Priscila Seixas

Tradução: Programa Real Job – Tradutor Literário/Lab Pub:
Monique D’Orazio (coordenadora), Vivian Baia Saboia,
Daniela Cestarollo, Erika Pacheco, Maíra Meyer,
Vivian Soares de Almeida, Elaine Kuhlmann Duques,
Augusto Pinheiro de Almeida, Rodrigo Soares Brito,
Sarah Bento Pereira e Camila Villalba

Revisão da tradução: Edson Furmankiewicz e Maurício Carneiro

Revisão gramatical: Raquel Benchimol

Diagramação: Maurício Carneiro

Capa: Suiane Cardoso

Foto da capa: Benedicte Kurzen Photography

Catálogo na Publicação (CIP)

O23e Odede, Kennedy
Encontre-me sem medo / Kennedy Odede e Jessica Posner. –
Belo Horizonte : Voo, 2021.
348 p. il. foto.

Do original em inglês “Find me unafraid : love, loss, and hope in
an African slum”.

ISBN 978-65-89686-09-5

1. Educadores – Quênia – Biografia 2. Meninas – Educação –
Quênia 3. Escolas – Quênia 4. Kibera (Quênia) – Condições sociais
I. Posner, Jessica II. Título

CDD: 967.6204

372

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334



IMPRESSO NO BRASIL



CADEIA RESPONSÁVEL



UM POR UM: CADA LIVRO, UMA CONTRAPARTIDA SOCIAL



PROJETO COLABORATIVO



Reservados todos os direitos de publicação à:
Editora Doyen Ltda.
Rua Alagoas, 125 - Belo Horizonte/MG - CEP 30.130-160
www.editoravoo.com.br

Para nossas famílias e para o movimento SHOFÇO.

Entre as garras de certas circunstâncias,
Não estremeci ou supliquei.
Espancada pelo revés,
Minha cabeça sangra, mas segue firme.

Mais tarde, neste lugar de lágrimas e ira,
O horror das Sombas ainda emergirá,
E, mesmo assim, a ameaça dos anos
Me encontra, e me encontrará, sem medo.¹

— DE “INVICTUS”

DE WILLIAM ERNEST HENLEY

¹ Henley, William Ernest, *Invictus*. Tradução de Ana Rüsche. 1ª ed. Edições Barbatana, São Paulo, 2020. 44p.

sumário

| | | |
|---------------------|----------------------|-----|
| prefácio | por nicholas kristof | xi |
| parte um | | |
| prólogo | kennedy | 3 |
| um | jessica | 9 |
| dois | kennedy | 25 |
| três | jessica | 45 |
| quatro | kennedy | 65 |
| cinco | jessica | 89 |
| seis | kennedy | 107 |
| sete | jessica | 121 |
| oito | kennedy | 139 |
| nove | jessica | 151 |
| dez | kennedy | 167 |
| onze | jessica e kennedy | 181 |
| parte dois | | |
| doze | jessica e kennedy | 203 |
| treze | jessica | 219 |
| catorze | kennedy e jessica | 239 |
| quinze | jessica | 261 |
| dezesesseis | jessica | 277 |
| dezesete | jessica | 297 |
| dezoito | jessica e kennedy | 325 |
| epílogo | jessica | 335 |
| nota dos autores | | 342 |
| agradecimentos | | 343 |
| sobre os autores | | 349 |
| sobre a voo | | 350 |
| sobre os tradutores | | 353 |

prefácio

por nicholas kristof

Já vi muitos lugares improváveis nas minhas viagens como jornalista e autor, mas um dos mais notáveis foi bem no meio da favela de Quibera, em Nairóbi, a capital do Quênia. À primeira vista, Quibera não é — como posso dizer educadamente? — um lugar edificante. É um labirinto de pequenos barracos em vielas de terra que se transformam em lamaçal quando chove. Crime, desemprego e violência sexual são comuns. As autoridades quenianas têm oferecido pouca ajuda, e projetos de auxílio vindos do Ocidente também não fizeram muito para criar oportunidades.

Apesar disso, você atravessa uma dessas pequenas vielas, vira uma esquina e lá está: uma escola moderna e alegre, cheia de alunas animadas do ensino fundamental em uniformes impecáveis, e um grande letreiro: ESCOLA PARA MENINAS DE QUIBERA.

E que meninas são essas! Estão tagarelando em inglês (para muitas, é a terceira língua depois do suaíli e de uma língua tribal), transbordando dignidade e autoconfiança. Em sala de aula, elas

tiram notas excelentes em exames nacionais e se saem melhor do que os estudantes mais ricos de escolas muito mais privilegiadas. O contraste entre a esperança dessas alunas e seu ambiente às vezes sombrio é marcante — e é bem claro que essas meninas são os agentes transformadores que construirão uma Quibera melhor e um Quênia melhor.

Mas a Escola para Meninas de Quibera não é apenas uma história de educação; é também uma história de amor. A escola é uma criação de Kennedy Odede, que cresceu na favela, e de Jessica Posner, uma garota do Colorado que fez um intercâmbio estudantil para trabalhar em teatro de rua com Kennedy em Quibera. Jessica insistiu em se hospedar com Kennedy e sua família, horrorizando a todos — “Nenhuma pessoa branca jamais ficou em Quibera!” —, mas ela se impôs e, então, quando viu os ratos e os banheiros, e ficou particularmente apavorada, também já estava irredutível demais para voltar atrás. Kennedy e Jessica aprenderam um com o outro: ela o ajudou a entrar na Universidade Wesleyan com uma bolsa de estudos integral (embora ele não tivesse uma nota de exame vestibular nem um histórico escolar de ensino médio) e, juntos, pela força de vontade, eles construíram a Escola para Meninas de Quibera e um projeto mais amplo de desenvolvimento chamado SHOFCO, ou Shining Hope for Communities, algo como “esperança reluzente para as comunidades”. O projeto inclui uma clínica, uma fonte de água potável, programas de capacitação econômica, um jornal comunitário, um grupo de empoderamento para mulheres, uma campanha para combater o estupro e muito mais, e agora estão expandindo esse modelo para outras favelas do Quênia.

A SHOFCO é uma história de amor, mas também é uma lição de desenvolvimento. A organização teve sucesso em parte porque tinha alguém com conhecimento local e carisma para liderar e, em parte, porque tinha uma estrangeira estudando as políticas e que poderia ajudar a abrir as carteiras no exterior. Essa é uma parceria poderosa. Se fossem apenas estrangeiros, existiria o risco de a população local os enxergar como aproveitadores, ou de que não mobilizassem

a adesão necessária aos projetos. De fato, SHOFCO é um projeto bem-sucedido em parte porque não começou como um programa de ajuda, mas como um movimento de capacitação local, com Kennedy e seus amigos organizando jogos de futebol e performances de rua denunciando a cultura do estupro. Somente após estar bem estabelecido é que assumiu uma dimensão mais estruturada, construindo parcerias efetivas.

A vida de Kennedy traz à tona um dos meus aforismos favoritos: *talento é universal, mas oportunidade, não*. Todos que encontram Ken podem ver seus prodigiosos dons de liderança e entusiasmo, mas até mesmo ele poderia facilmente ter seguido na direção errada. Ele experimentou a vida de furtos, mas felizmente acabou se mostrando um péssimo ladrão de mangas e ficou tão assustado quando foi pego que basicamente permaneceu honesto depois disso. Mas ele acabou se envolvendo com uma gangue e, às vezes, sua raiva e frustração transbordavam e o levavam para o caminho da violência. No fim das contas, porém, ele aplicou seus talentos para construir e criar, em vez de destruir, e a aspiração derrotou a frustração. Muitas pessoas o ajudaram, de amigos de infância a um sacerdote italiano, passando pelos responsáveis pela admissão de alunos na Wesleyan e, ao final, tudo se encaixou. Mas ver Kennedy, ou ver as brilhantes e autoconfiantes alunas da Escola para Meninas de Quibera, é saber que há muitas outras crianças de destaque que não terão as oportunidades de que precisam. Elas perdem, e o mundo também.

Há uma teoria que diz que os ciclos de pobreza se perpetuam e se autorreproduzem em parte por causa do desespero. As pessoas se sentem desesperadas e então se envolvem em comportamentos auto-destrutivos que tornam a falta de esperança algo inevitável. A implicação, e há uma quantidade razoável de provas para apoiá-la, é que o caminho para quebrar ciclos de pobreza é dar esperança às pessoas — e no sentido mais amplo possível: é isso que Kennedy e Jess estão fazendo. Eles proporcionam educação, água, medicamentos e outras coisas mais; porém, acima de tudo, proporcionam uma visão de esperança, um caminho para uma vida melhor, uma garantia de que

talvez Quibera, e de fato as favelas de todo o mundo, possam se tornar lugares melhores. É por isso que minha esposa Sheryl WuDunn e eu escrevemos sobre Ken e Jess em nosso livro *A Path Appears* (Um Caminho Aparece, em tradução livre) como exemplo de como uma parceria entre diferentes países pode combater a pobreza e propagar oportunidades — com esperança!

Com frequência, humanitaristas e jornalistas descrevem a pobreza como algo uniformemente sombrio e sinistro. Grupos de ajuda fazem isso porque acham que a maneira de levantar dinheiro é dizer como as coisas são horríveis; nós jornalistas fazemos isso porque estamos no ramo de cobrir histórias de aviões que caem e não que decolam. Mas o foco incansável nos problemas mascara o progresso e compromete a atenção do público, que se torna embotado. A incrível história de Kennedy e Jess serve como um bom antídoto para esse embotamento. Claro, eles enfrentaram enormes obstáculos, mas, em última análise, sua saga pessoal e profissional é edificante, esperançosa e emocionante. E eu espero que você tenha a chance de, um dia, não só ler esta incrível história, mas também ver o trabalho da vida deles, pegar um caminho enlameado e sinuoso através de Quibera, virar uma esquina e encontrar algo que é praticamente um milagre.

parte
um

prólogo

kennedy

dezembro de 2007

A parede de caixas de leite usadas é a única barreira entre mim e o tiroteio do lado de fora. Numa noite normal, os ruídos de Quibera se propagam facilmente através destas paredes: o som do *reggae*, das mulheres vendendo legumes à luz de velas, dos homens bêbados gritando insultos, dos cachorros latindo, de um casal fazendo amor em seu barraco nas proximidades. Mas agora Quibera está paralisada. Toda a favela está prendendo a respiração, rezando para essa chuva de balas passar, como qualquer outra tempestade.

Estou tremendo embaixo da cama. Está muito escuro e respirar é difícil. Posso sentir aranhas rastejando nas minhas costas e ratos cutucando meus dedos do pé, mas fico quieto, com medo de que qualquer movimento vá atrair os homens de uniforme. Ouço um grito estridente, como o de uma garotinha. Os homens de uniforme estão atirando a torto e a direito, e batem em qualquer pessoa ou em qualquer coisa que teve o azar de cruzar seus caminhos. Fecho os

olhos e rezo para que a menina sobreviva. Eles não vieram para Quibera atrás dela. Vieram atrás de mim.

Não como nada desde ontem, quando os ataques começaram; estou faminto, morrendo de sede. No meu bolso, tenho dois dólares, que normalmente poderiam me sustentar por pelo menos uma semana. Mas, mesmo que eu sáísse do esconderijo, não haveria lugar onde conseguir comida. Todas as lojas das redondezas foram fechadas ou saqueadas. A estrada que entra em Quibera foi fechada pela multidão e por homens uniformizados — a polícia paramilitar. Nada e ninguém entra ou sai sem dificuldade. Eles montaram um cerco para nos matar de fome.

Ouçõ tiros, rodada após rodada em rápida sucessão. O silêncio depois é quase tão surpreendente quanto o barulho. Pulo e minha cabeça atinge a parte inferior da cama, tão baixa e tão próxima do chão. Meu cachorro, Cheetah, late do lado de fora. *Por favor, fique quieto, rezo. Não os traga para cá.* Deito-me, paralisado, antecipando os passos, mas há apenas um silêncio abençoado. Trinta minutos se passam e não ouço nenhum tiro. Lentamente, arrasto meu corpo por debaixo da cama. Minhas pernas estão rígidas e chacoalho o corpo para me livrar do formigamento. Abro a porta da frente com muito cuidado, afago Cheetah na cabeça e digo com firmeza, em voz baixa:

— Quietos! — Ele não é adestrado, apenas outro cão de rua quase selvagem, mas sei que ele sente minha necessidade urgente.

Bato na porta enferrujada da minha vizinha, Mama Akinyi. Ninguém responde.

— Por favor, Mama Akinyi, sou eu, Ken — sussurro.

Lentamente, ela vem abrir a porta e, às pressas, me coloca para dentro. Seu rosto jovem é magro. Ela está segurando sua filha de cinco anos, Akinyi. O mesmo terror que sinto é visível no rosto de Akinyi. Estou faminto e fraco, e, por boa sorte, Mama Akinyi percebe meus lábios secos. Ela me oferece um pouco do mingau que guardou para a filha. Peço apenas um gole, só o suficiente.

Sintonizamos o rádio numa estação local, mantendo o volume baixo. Ela não tem visto seu marido pelos últimos dias. Muitas pessoas foram baleadas em Quibera.

— Os tiros estão próximos — digo.

Mama Akinyi olha para mim através de um véu de lágrimas. O marido dela pode estar entre os mortos. Enquanto ouvíamos o rádio, escutamos alguns homens murmurando do lado de fora — com paredes feitas de papelão e de lata, os sons entram e saem facilmente. Apuro os ouvidos e ouço, dos murmúrios, que não são apenas 20 ou 30 pessoas mortas, mas em número maior do que eles podem contar. Não preciso ouvir mais nada. Agradeço Mama Akinyi e rapidamente volto para minha casa antes de colocar a família dela em risco.

Várias horas depois ainda há silêncio, que agora parece mais assustador do que o barulho. Então alguém bate à porta, baixinho, mas com urgência.

— Ken, Ken, você está aí? Acorde! Sou eu, Chris.

Chris é apenas alguns anos mais novo do que eu; conheço-o desde sempre. Abro a porta e vejo que ele está desesperado de terror. Está sem fôlego, ofegante, e sei o que vai dizer antes que as palavras saiam de sua boca.

— Vá embora, Ken, por favor. Um dos homens... está mostrando sua foto para as pessoas, perguntando se viram você, se sabem onde você vive.

Peço-lhe para ir embora agora, e ele assente com a cabeça, sabendo que a qualquer minuto os homens podem chegar até aqui, usando suas armas e seu dinheiro para obter as informações que querem. Vejo como Chris está magro, e agradeço-lhe do fundo do meu coração por ele não me entregar. Mesmo com este lugar transformado em caos total, reflito sobre como as pessoas podem ser boas.

Cheetah começa a latir e não para. Então ouço os passos. Passos pesados. Os homens ainda têm que dar a volta por um canto traiçoeiramente estreito. Calculo que tenho menos de um minuto para escapar.

Tudo o que eu quero fazer é escrever uma carta para ela, dizer o quanto eu a amo, dizer que eu deveria tê-la escutado e ido embora. Contar como sinto muito por todas as coisas que nunca vamos fazer e ver juntos.

Mas talvez seja melhor assim. Provavelmente nada disso teria se tornado realidade e nossos planos de tarde da noite de construir uma vida juntos tenham sido apenas um romance adolescente. Ela acredita docemente que qualquer coisa é possível, e partiria meu coração vê-la tomar conhecimento do que já sei — que não importa o quanto se tente ou se acredite, tudo pode terminar com o estampido de uma bala, com o som dos passos dos soldados, com um coração partido. Ela acabaria se cansando dos desafios de viver no meu mundo, e eu também me cansaria de viver no dela.

Tenho meus próprios sonhos aqui, em Quibera.

Tiro! Seguido por um uivo. Cheeta! Eles devem ter atirado nele no beco, mas não posso me arriscar a olhar. Abalado por meus pensamentos, saio de casa correndo. O coração disparado, os pés em movimento, uso alguns segundos extras preciosos para fechar o cadeado na minha porta. Corro cegamente, procurando por qualquer coisa em que possa me esconder. Há uma chapa de metal cobrindo a abertura de um pequeno beco perto da minha porta. Rastejo para trás dela e seguro a respiração, rezando para meu corpo trêmulo não bater na chapa e revelar meu esconderijo. Por uma fresta posso ver minha porta. Os homens se materializam, armas penduradas sobre os ombros, vestidos com fardas, ameaçadores em sua uniformidade.

Ao chegarem à minha casa, os homens descobrem que a porta está trancada com meu pequeno cadeado. Graças a Deus eu ter usado um tempo extra para fazer isso — com minha porta trancada, parece que não estou em casa. Chutando forte a porta como um aviso claro, os intrusos se afastam. Espero em meu esconderijo por incontáveis horas para garantir que a cena não tenha sido uma encenação, e então saio ofegante e trêmulo, abalado tanto pelo medo quanto pelo alívio.

Rastejo de barriga até a cerca atrás da minha casa, subo e caio com força do outro lado. Minhas costas batem no chão como um saco de milho, mas não sinto dor, como se meu corpo tivesse atingido seu ponto de saturação. Começo a correr, escondendo-me nas sombras secretas dos barracos. Não tenho um destino em mente, apenas o desejo desesperado de fugir, de alcançar alguma segurança fugaz. Tenho que pisar sobre corpos ainda deitados onde eles caíram — o recolhimento dos mortos ainda não começou, e todos têm medo de se aventurar a reclamar os que tombaram. Quibera é uma cidade de mortos. Não tenho medo dos mortos, mas dos vivos.

Quando enfim estou longe o suficiente, paro para respirar e puxo meu celular. Engulo em seco e ligo.

um

jessica

setembro de 2007

Mesmo às quatro da tarde, o implacável sol queniano brilha sem trégua. Olho para meu celular, torcendo para que toque. Estou esperando neste ponto de ônibus improvisado por mais de uma hora e meia. Micro-ônibus velhos, chamados *matatus*, param, completamente lotados de gente. Os escassos e maltratados transportes públicos estão em péssimo estado, com para-choques totalmente quebrados ou prestes a cair. As pessoas amontoadas do lado de dentro olham para mim sem conseguir esconder seus olhares intrigados. Eu me sinto, de repente, constrangida, como uma intrusa.

Onde ele está? Mais ônibus e *matatus* vêm e vão — mas ainda nenhum sinal de Kennedy. Quantas vezes é demais para telefonar a alguém que nunca conheci pessoalmente? Minha família sempre diz que sou muito insistente. Eu respiro fundo, mas não posso evitar, ligo de novo. Pergunto se ele ainda está vindo. Ele responde, “quase aí”. Eu desligo insatisfeita — ele disse a mesma coisa quando eu liguei há mais de 30 minutos. Observo a paisagem, procurando um lugar para me aco-

modar. Eu havia perguntado onde o “ponto de ônibus do Adams Arcade” ficava — e um senhor silenciosamente apontou para um meio-fio sem qualquer indicação. Há um posto de gasolina, algo parecido com um pequeno centro comercial chamado Adams Arcade, um quiosque pintado de vermelho Coca-Cola brilhante, e o tal meio-fio onde os ônibus entram e saem meio desordenadamente. Outro *matatu* passa por mim e sinto a poeira de Nairóbi se infiltrando em meus poros. Eu gostaria que houvesse uma forma de me ajeitar mais um pouco, mas não posso fazer nada além de ficar aqui e esperar.

É o meu quinto dia na África. E minha primeira vez fora dos Estados Unidos já como adulta. Quando disse aos meus pais que queria ir para o Quênia para fazer um semestre de intercâmbio, eles olharam para mim como se eu estivesse falando outra língua. A Europa não era “no exterior” suficiente? O que aconteceu com a filha que odiava acampar, detestava sujeira e levava malas lotadas para uma viagem de fim de semana nas montanhas? Meus avós alertaram meus pais de que seria loucura me permitir ir para o Quênia. Embora meus pais desejassem poder me proibir, eles sabiam que não conseguiriam. Sempre que decido na minha cabeça fazer alguma coisa, fico completamente obstinada.

Não tinha planejado originalmente ir para o exterior. Venho de um colégio público em Denver, e a Universidade Wesleyan me despertou para a possibilidade de tudo o que havia para aprender. Não queria desperdiçar nem um segundo. Mas minha melhor amiga, Daphne, decidiu que ia passar o outono do primeiro ano da faculdade na Itália, e eu não queria ficar em Wesleyan sem ela.

Daphne é alta, atlética e bonita, tem um pai canadense e uma mãe grega. Ela cresceu viajando e sempre me dizia que há sempre mais a aprender assim do que tudo que podemos encontrar em livros e artigos — havia comidas para comer, a melodia de línguas que eu não precisaria entender para me deixar levar, noites de verão para gastar compartilhando beijos roubados. O mundo era um lugar grande, e ela me encorajou a sair e vê-lo.

Eu estava com medo de descobrir o quão grande o mundo poderia ser. Vivi sob uma pressão imensa, autoimposta, determinada a fazer cada minuto contar, aterrorizada com a ideia de que o tempo, de alguma forma, acabaria antes que eu me tornasse “perfeita” ou encontrasse o meu propósito. Coloquei-me num caminho estreito quando, aos 7 anos, me apaixonei pelo teatro. Decidi então que queria ser uma atriz profissional e estava obcecada em me colocar nessa rota para o “sucesso”. Na Universidade Wesleyan, eu ultrapassava o limite de coisas que poderia fazer em um dia; não dormia nem comia muito. Tornei-me tão entorpecida pela minha necessidade de perfeição que não conseguia sentir muita coisa, sempre com medo de que desfrutar muito de algo fosse me tirar do meu caminho. Para me distrair dessa tensão, comecei a namorar Joe, e tentei me convencer de que poderia amá-lo. Um dia, fiz uma pausa nos estudos que não estava no meu meticuloso plano diário para me sentar com Joe no chão da biblioteca e conversar. Joe olhou para mim e disse:

— Queria ser você. Você sempre soube o que queria.

Percebi que esse era exatamente o meu problema. Aos 20 anos de idade, eu nunca tinha repensado seriamente o plano que eu tinha feito aos 7.

Fui para o escritório de intercâmbio e passei uma tarde inteira perdida entre as pastas que descreviam todos os programas aprovados para contar como crédito na Universidade Wesleyan no exterior. Lugares desconhecidos despertaram minha curiosidade: um programa em Gana sobre cultura e música, um programa de teatro na Rússia, e um programa em Nairóbi, Quênia, sobre saúde e desenvolvimento — duas coisas sobre as quais eu, felizmente, nada sabia.

Somente depois que decidi ir para Nairóbi é que ouvi algo sobre Kennedy. Dois amigos de Denver haviam visitado o Quênia para o Fórum Social Mundial — um grande encontro de ativistas. Kennedy tinha falado no fórum, e sua organização chamada Shining Hope for Communities (SHOFCO) encenou uma peça de teatro. Ao ouvirem que eu ia estudar no Quênia, meus amigos Bonnie e Becca me deram o e-mail de Kennedy, sugerindo que eu tentasse colaborar

com sua organização num projeto de teatro. Kennedy e eu passamos o verão trocando breves e-mails, nos quais ele sempre terminava com “Bem-vinda à terra-mãe e que a paz esteja com você!”. Kennedy exalava uma confiança e uma honestidade que eram cativantes. Quando eu disse pela primeira vez que queria fazer um projeto de teatro com seu grupo, ele respondeu: “Aqui em SHOFCO fazemos milagres pelo poder da natureza, mas adoraríamos aprender mais”. Antes de concordar com a minha participação, pediu-me para enviar meu currículo. Eu estava tão nervosa que passei horas trabalhando naquele currículo, na esperança de que Kennedy me permitisse ir e me convidasse a trabalhar com ele.

Eu estava muito animada para finalmente descobrir o quão grande o mundo era, o quão longe eu poderia ir. Mas, enquanto espero sozinha neste ponto de ônibus, eu me pergunto se talvez o Quênia fosse um pouco *longe demais*. Hoje de manhã, na casa onde estou hospedada, o café da manhã era um mingau de milho azedo, que nem consegui fingir comer. Nos últimos dois dias, Odoch, diretor acadêmico do meu programa, tem nos informado sobre diferenças culturais, segurança e expectativas. Ele é de Uganda e fugiu durante o governo de Idi Amin. Com quase 70 anos, ele tem uma presença dominante, mas há uma sabedoria, uma gentileza e uma energia juvenil nele.

Odoch diz que os quenianos mentem para os estrangeiros o tempo todo: eles não veem isso como mentira; a verdade é apenas um pouco mais maleável. Ele nos adverte que Nairóbi é apelidada de Nairroubo por causa da frequência de assaltos a bancos e furtos de carros, mas que provavelmente estaremos bem se apenas nos escondermos se acontecer um, e que os homens aqui pensam que, quando chamam uma mulher para sair e recebem um “não”, na verdade ela estaria dizendo “sim”. De acordo com Odoch, as quenianas inventaram o jogo de se fazer de difícil.

Donna, a esposa americana de Odoch que mora há 40 anos no Quênia, muitas vezes o interrompe. Ela é uma força da natureza: uma nova-

-iorquina branca, alta, falante, ágil, com pensamento rápido, esportista e ex-católica. Ela é antropóloga, escreveu sua dissertação sobre a produção de miçangas pelo povo Massai e agora pinta zebras multicoloridas, faz anjos pretos com fibras de plantas para árvores de Natal, joias com seu próprio *design* e, recentemente, começou um trabalho experimental com vidro, além de escrever e ensinar.

Donna é casada com Odoch há mais de 20 anos, e são o casal mais improvável e apaixonado que já conheci. Donna se move rápido e fala ainda mais rápido. Odoch se move com uma calma deliberada e escolhe suas palavras com muito cuidado. Ele pode lhe dizer “não” de uma forma tão diplomática que você nunca tem certeza se ele realmente disse “não”, e ele é tão gentil que você simplesmente não consegue usar isso contra ele.

— *Não* se case enquanto você estiver aqui. Tem sempre um estudante que acaba se casando. Não seja esse estudante — adverte Donna.

Eu reviro os olhos.

Odoch traz a conversa de volta, esquivando-se do assunto de Donna, para falar sobre as frequentes, e muitas vezes violentas, revoltas universitárias. Em sua juventude, ele costumava ser um líder desses conflitos. Daqui a alguns meses, o Quênia vai realizar eleições presidenciais antecipadas, e Odoch nos adverte para ficar longe de comícios políticos ou manifestações de qualquer tipo.

Apenas algumas semanas antes da minha chegada, uma abominável gangue clandestina chamada Mungiki decapitou diversas pessoas na favela de Mathare, em Nairóbi. Meu pai ouviu a história pela rádio NPR. Eu lhe disse de forma presunçosa que um incidente não define um país e que, de qualquer forma, a mídia estava faminta por histórias que confirmassem os estereótipos brancos sobre “o outro” violento. Meu pai me disse para guardar as teorias esnobes para minhas aulas na Wesleyan.

Outro ônibus estaciona, um azul-claro da KBS — mais luxuoso e mais bem ajustado do que os *matatus*. Ele é a última pessoa a descer

mas, sem dizer nenhuma palavra, eu instintivamente sabia que era ele: Kennedy Odede. Ele mal me cumprimenta, apenas diz:

— Vamos?

Ele anda rápido. Tenho que correr para acompanhar o passo. Sem saber como andar pelo trânsito pesado e os estreitos paralelepípedos, finos demais para serem chamados de calçadas, movimento-me perigosamente perto da estrada de asfalto. Kennedy me leva pelos ombros e me coloca na parte de dentro da calçada, longe do tráfego, de modo que algum motorista descuidado pudesse atingir somente ele.

Enquanto caminhamos, os grandes arranha-céus do centro de Nairóbi, vários quilômetros a nordeste de onde estamos, somem na distância. Passamos por lojas de comércio que vendem de tudo, de galinhas a cadeiras. Abruptamente, a estrada pavimentada acaba, e os edifícios parecem encolher e ficar mais próximos. Continuamos por um caminho de terra. Há pessoas por todos os lados. Tenho que forçar a passagem entre a densa multidão, fazendo de tudo para não cair na lama. Há tanta gente que mal consigo diferenciar os indivíduos: as pessoas estão indo para todos os lados, com passos firmes.

Diante de nós está Quibera, uma das maiores favelas da África. Separados por um conjunto de trilhos de trem das áreas próximas de classe média-baixa, que desfrutam de fornecimento normal de eletricidade e água, Quibera dá um novo significado ao ditado “o outro lado dos trilhos”.² Em Quibera, centenas de milhares de casas feitas de chapas de metal ondulado e outros materiais reciclados empilham-se quase uma em cima do outra. Em vez de ruas, caminhos ladeados de sacos de lixo entremeiam o bairro, e o terreno consiste em encostas montanhosas e inclinações íngremes que, sem pavimentação, são irregulares, tornando difícil manter o equilíbrio. Com seus próprios mercados e lojas, Quibera é quase uma cidade em si, com exceção de que dentro

² Neste livro, “Quibera” se refere às vastas favelas, não às áreas circundantes de classe média-baixa, como Olympic, Ayany, Karanja etc., tecnicamente incluídas na área agora designada como o “distrito eleitoral de Quibera”.

da favela não há escolas públicas ou serviços de saúde, nem água corrente ou serviços de energia legalizados. Ninguém sabe quantas pessoas vivem dentro da favela: as estimativas giram em torno de 1 milhão de pessoas dentro de uma área do tamanho do Central Park, totalmente marginalizadas.³

Não posso acreditar que isso existe a poucos minutos de distância das belas casas, estradas, mercearias e *shopping centers*. A favela de Quibera continua até onde meus olhos podem ver — a magnitude absoluta é estarrecedora. Não posso continuar andando como se tivesse acesso a essa vista todos os dias. Nunca imaginei que algo assim pudesse existir.

Kennedy leva um tempo para perceber que não estou mais mantendo o mesmo passo. Coro de vergonha pelo fato de meu choque ter dado tanto na vista. Kennedy apenas fica ao meu lado e, por um momento, estamos em cima de uma colina olhando juntos para o mesmo lugar, mas de visões diferentes. Quando minhas pernas finalmente funcionaram de novo, continuamos.

Há pilhas de lixo que parecem se acumular há anos. Poças de água podre e parada bloqueiam muitas vezes nosso caminho. O som de *reggae* se espalha pelo ambiente. As mulheres se alinham nas ruas com seu comércio improvisado; bandejas de papelão cheias de restos de comidas apoiadas em seus colos.

Um grupo de cerca de oito meninos, que não aparentam ter mais de 6 anos, passa por nós, voltando para casa sozinhos de uma escola local informal. Em seus uniformes de shorts e agasalhos esfarrapados, eles se reúnem em torno de uma mulher que prepara algo que se parece com batatas fritas. Um garotinho orgulhosamente mostra seu dinheiro para a mulher e compra uma batata para cada um de seus amigos, guardando apenas uma para si mesmo. Fico paralisada com essa pequena brigada enquanto comem suas guloseimas, saboreando cada mordida de sua única batata frita. O altruísmo, a generosida-

³ As estimativas populacionais de Quibera são altamente contestadas e politizadas. Variam extensamente de 170.070 (Censo do governo do Quênia de 2009) até 1 milhão de pessoas (“Quênia: a maioria invisível: os 2 milhões de moradores de favela de Nairóbi”, *Anistia Internacional*, 2009).

de daquele garotinho me corta o coração. Tento imaginar a mesma cena nos Estados Unidos. Aqui, uma criança com um mísero trocado no bolso, em vez de comprar um lanche para si própria e comê-lo diante de seus amigos com vontade, ela se orgulha de sua capacidade de sustentá-los. Os meninos correm pelo pequeno caminho lotado até o vermelho brilhante de seus uniformes se tornar uma série de minúsculos pontinhos.

Todo mundo cumprimenta Kennedy enquanto caminhamos com afetuosas exclamações de “Prefeito, Prefeito!”. Olho para ele intrigada e ele apenas sorri, não oferecendo nenhuma explicação. Acho que ele é praticamente uma lenda neste local. Não sei muito sobre ele, mas fica claro, a partir das saudações, que, com apenas 23 anos, inspira entusiasmo neste lugar desesperado. Parece um pouco como andar com uma celebridade.

Para mim, as crianças gritam “Como você está? Como você está?”, a única frase em inglês que aparentemente todos sabem usar quando identificam um *mzungu*, uma pessoa branca. Saímos da rua principal, saltamos sobre um esgoto a céu aberto, e percorremos várias vielas estreitas, evitando cuidadosamente os cantos irregulares e protuberâncias das chapas de sucata metálica para chegar à casa de Kennedy.

A casa não tem mais de três por dois metros. Tem uma única janela plástica e uma porta feita da madeira reaproveitada que mal fecha. As paredes são feitas de metal corrugado e caixas de leite de papelão colorido. Um lençol pendurado no meio separa a “sala de estar” — uma pequena mesa, um sofá gasto, e uma cadeira de metal — da “cozinha” — um canto com galões amarelos grandes e um fogão de acampamento pequeno — e o “quarto.” Não há energia. A única fonte de água é aquele monte de galões amarelos surrados, empilhados no canto. Há uma fotografia de Marcus Garvey na parede vestindo um chapéu de penas ornamentado. Pendurado ao lado dele, deslocado, está um cartaz do filme *Titanic*. Kennedy tem pouquíssimas posses — e parece que a maior parte é de livros: *Sidarta*, de Hermann Hesse, *Longa caminhada até a liberdade*, de Nelson

Mandela, *Mandela: The Authorized Biography* (Mandela, a biografia autorizada), de Anthony Sampson, *Negro with a Hat: The Rise and Fall of Marcus Garvey*, (Negro de chapéu: a ascensão e queda de Marcus Garvey), de Colin Grant e *Um testamento de esperança: as escritas essenciais e os discursos de Martin Luther King, Jr.*

Ele diz baixinho:

— Bem-vinda a minha casa.

Meus olhos ficam fixos nos livros. Ele percebe o meu olhar.

— Há duas maneiras de escapar de sua pobreza — ele diz calmamente. — Uma, você pode usar drogas, ficar bêbado, escapar. Ou você pode escapar para o mundo dos livros; que pode ser seu refúgio.

Balanço a cabeça concordando; livros têm sido muitas vezes o meu refúgio também.

— Você quer saber por que eu estava atrasado para te encontrar? — ele pergunta com um vislumbre meio travesso em seus olhos, seu tom muda de sério para brincalhão. Seu sorriso exuberante se destacaria em qualquer lugar.

Quero saber.

— Tive que andar! — Ele me disse que havia terminado seu turno de trabalho como zelador no centro da cidade quando percebeu que, como tantas outras vezes, ele não conseguiria comprar o jantar se gastasse seus 15 centavos com o *matatu*. Então, ele caminhou por mais de uma hora para me encontrar. Quando já estava chegando perto, convenceu um simpático condutor a deixá-lo pegar uma carona nos últimos cinco minutos, só assim eu iria vê-lo saindo do ônibus — com a dignidade de um passageiro pagante. Ele ri.

Não tenho certeza de como responder; surpreendida por sua ingenuidade, seu orgulho, e pelo fato de que, se usasse 15 centavos para a passagem de ônibus, ele não seria capaz de pagar sua comida. De repente, fico chocada pela súbita compreensão do que significaria para ele ter os 30 dólares que casualmente coloquei no bolso esta manhã.

Ficamos sentados em silêncio por um momento e sinto que minha incapacidade de rir do ocorrido da forma como ele ri — meu

óbvio desconforto com meu próprio privilégio — de alguma forma o decepcionou. Até agora, nossa conversa havia fluído com uma ilusória facilidade e esse momento nos lembrou de que somos um pouco mais do que estranhos: somos de mundos completamente diferentes.

— Você quer ver o escritório da SHOFCO? — ele pergunta, afastando a energia estranha.

— É claro.

Nós fazemos o nosso trajeto de volta através dos caminhos de Quibera para o escritório construído com chapas de ferro da SHOFCO, localizado precariamente no limite da favela e próximo à ferrovia. O humilde barracão é o primeiro escritório da SHOFCO, Kennedy me diz com orgulho. Eles ainda o usam para reuniões, ensaios de teatro e fóruns da comunidade, e eu ouço risos ecoando lá de dentro. Não querendo interromper, vamos para o segundo escritório da SHOFCO, em Olympic, algumas salas alugadas na área de classe média baixa que faz fronteira com as favelas de Quibera. Um grupo de jovens está conversando, bebendo chá, usando um computador, e cuidando de galinhas e do pequeno jardim ao fundo. Assim que passo pelo portão, a energia do lugar me contagia. Esses jovens visivelmente amam estar aqui — é o espaço deles. A organização de Kennedy é muito mais do que apenas um grupo de teatro. A SHOFCO também realiza um programa de limpeza e saneamento por toda a favela e um programa de empoderamento e educação das mulheres, com distribuição de absorventes higiênicos nas escolas. Há também departamentos dedicados a comunicações, esportes e atividades geradoras de renda.

Kennedy me apresenta a Anne, sua amiga de infância que dirige o programa de empoderamento das mulheres da SHOFCO, chamado SWEP. A família dela é proprietária do loteamento de casas onde Kennedy vive e ela mora bem na sua esquina. Em um diário, Anne registra o número de pulseiras de miçangas que as mulheres da SWEP fizeram nesta semana. Ela explica que o grupo é formado por mulheres vivendo com HIV — com as pulseiras produzidas, ganham o suficiente para a alimentação delas e de suas crianças. Des-

quando ele tinha apenas 16 anos.

— Vi como essas mulheres estavam sofrendo. Eu costumava comprar comida para elas com tudo que ganhava. Acho que foi assim que o grupo começou.

— As mulheres chamam Kennedy de marido! — Anne ri e brinca com Kennedy. — Ele cuida delas.

Kennedy se esquivava, rindo, e fala “*Kuenda uko*” — dizendo a ela de brincadeira para voltar ao trabalho.

Em seguida, Kennedy me apresenta a Joseph Kibara, apelidado de “Chefe”, porque acabara de ser eleito presidente da SHOFSCO em suas eleições anuais. O “Chefe” não deve ter mais do que 26 anos, mas algo nele o faz parecer como um velho da realeza. Ele parece ter muito orgulho da distinção do seu título e senta-se bebendo uma xícara de chá enquanto participa de uma pequena reunião. Ele se levanta lentamente para apertar de maneira formal a minha mão em sinal de boas-vindas. Outro rapaz com um sorriso tímido aparece e se apresenta como Nicholas Masivu, o tesoureiro. Eles voltam para a reunião, escrevendo animadamente planos em um grande calendário.

Enquanto caminhamos de volta para ver o jardim onde o grupo cultivava legumes para vender, pergunto a Kennedy:

— Se ele é o presidente, o que você faz?

— Sou um conselheiro — diz ele de forma travessa.

O melhor amigo de Kennedy, Antony, ouve isso e ri.

— Não deixe ele te enganar. Kennedy sabe como fazer com que todos se sintam como donos da SHOFSCO. Ele cria departamentos e então todo mundo vota nos líderes. Sou o chefe da comunicação. Além disso, há o teatro, SWEP, saneamento, empoderamento das meninas, futebol e economia.

Kennedy alimenta as galinhas, cujos ovos são outro gerador de renda que suporta as atividades da SHOFSCO. Não posso evitar me impressionar com as estruturas cuidadosamente pensadas que ele colocou em prática, e digo isso a ele.

Antony me diz que Kennedy ajudou a começar mais de uma centena de pequenas empresas com uma filosofia que ele chama de “passe adiante”. Ele concede pequenos empréstimos oriundos de seus ganhos escassos e, em seguida, exige que, em vez de pagar o empréstimo de volta, o pagador deve designar uma nova pessoa para receber um empréstimo. A cadeia de empréstimos criou barbearias, stands de água, barracas de legumes, e muitas outras pequenas empresas.

— Foi o grande líder jamaicano Marcus Garvey que me ensinou que, para se levantar, um povo deve ser economicamente independente. Ele deu início a muitos negócios geridos por pessoas negras. A ideia de que a SHOFCO e a nossa comunidade devem ser autossuficientes é inspirada nele — diz Kennedy, em fervorosa convicção.

Um jovem alto e magro abre o portão. Kennedy salta no ar de maneira infantil e grita:

— Treinador!

Eles apertam as mãos e batem os punhos e depois chegam mais perto para que Kennedy nos apresente.

— O nome dele também é Kennedy, então nós o chamamos de Treinador. Ele treina as equipes de futebol, e eles sempre ganham!

Fico de lado, assistindo a Kennedy falar com muitos dos jovens da SHOFCO. Não é difícil ver por que as pessoas o chamam de Prefeito. Uma garota de nome Mary vem até mim e, decidida, se apresenta como a pessoa encarregada do saneamento e do empoderamento das meninas. Ela vai até Kennedy e, em voz alta, começa a lhe dar uma bronca sobre algo, ao que todos abertamente se divertem. Sinto um desejo imediato de me tornar amiga desses jovens — para compartilhar do senso de propósito deles.

De repente, Kennedy vê o sol se pondo e salta.

— Para onde foi o tempo? — ele exclama. — É melhor levá-la de volta à sua hospedagem antes de escurecer.

Não! — penso comigo mesma — *prefiro ficar aqui.*

Mais uma vez, tenho que correr para acompanhar o Kennedy. Enquanto atravessamos uma rua movimentada, Kennedy alcança minha mão — segurando-a mesmo depois de estarmos em seguran-

ça. Olho para minha mão e, em seguida, para seu rosto, intrigada — e ele rapidamente a solta.

— Desculpe! — exclama. — Na minha cultura, é costume segurar as mãos. É um símbolo de respeito e amizade.

Minha mente gira com tudo que vi, conforme os últimos raios de sol do dia vão sumindo.

Volto para Woodley Estate, o condomínio fechado de classe média, comparativamente frondoso, onde minha “mãe hospedeira”, Mama Rose, mora. Agora que conheci Quibera, que está incompreensivelmente a uma caminhada de apenas 15 minutos de distância, sinto-me incomodada pelos contrastes entre os dois lugares. A residência de Mama Rose é uma casa de dois andares com água corrente, eletricidade e uma televisão. Percebo que, comparada com Quibera, a casa de Mama Rose é um palácio. Mas, há apenas alguns dias, quando fui deixada aqui, me sentia muito no meio da “África”. A casa é pequena e antiquada, com móveis e uma sensação dos anos 1970. Do lado de fora do portão alto e preto da entrada do condomínio, está um mercado com barracas artesanais ao longo de uma estrada não pavimentada. De lá, um beco estreito chega até um mercado maior chamado Toi, que se funde com uma parte de Quibera chamada Makina. A parte do mercado Toi perto da minha casa de família é casualmente chamada de *mzungu Toi* porque seus preços atendem à classe média e são muito mais elevados do que o “verdadeiro Toi”, que fica a poucos metros dali.

Durante o verão, antes de embarcar em minha viagem, enviei um e-mail para Kennedy perguntando se, além de trabalhar na SHOFECO, eu poderia viver com ele e sua família em Quibera. Disse-lhe que poderia pagá-lo, pois fazia parte do meu programa cobrir os custos das famílias hospedeiras. Disse-lhe que ele nem perceberia que eu estava lá.

Respondeu de modo a não deixar dúvidas: absolutamente, não. Os estrangeiros nunca vivem dentro de Quibera. Ele não conseguia

me imaginar sobrevivendo sem água corrente ou eletricidade. *Você é uma americana*, ele escreveu, *e eu vivo uma vida muito simples*.

Mandei um e-mail de volta, dizendo: *Sou uma americana simples. Se você pode viver lá, eu também posso*.

Imediatamente ao chegar, conversei com o diretor do meu programa, Odoch, para discutir minha ideia de moradia. Odoch deu seu consentimento, observando que nós, presumivelmente, não deveríamos informar o programa de estudo no exterior, uma vez que seus administradores com certeza não aprovariam. Mais tarde, outra estudante perguntou se poderia viver em Olympic, a área da classe média ao lado de Quibera, e Odoch disse não — era muito perigoso viver tão perto de Quibera com as eleições chegando. Em vez de me deixar preocupada, o inexplicável consentimento de Odoch me fez sentir especial.

Desde criança, minha reação ao que é proibido tem sido um desejo obstinado de continuar me superando: obstáculos fazem uma coisa ser incontrollável e profundamente necessária. As palavras *você não pode* desencadeiam uma determinação tão intensa que, às vezes, até me assusto. Quero saber *o motivo — por que não posso? Porque dissemos não!* — uma razão obviamente insuficiente — meus pais diriam quando eu era pequena. Embora eles possam ter pensado que esse impulso diminuiria com o tempo e a maturidade, ficarão esperando.

Naquela noite, dormindo em uma cama confortável, com a TV em silêncio no fundo, o contraste entre esta e a vida de Kennedy em Nairóbi se revelou de forma nítida. Minha determinação de viver em Quibera se fortaleceu, uma vez que essa parece ser a única maneira de começar a romper as barreiras que existem entre mim e os jovens com quem trabalharei.

Alguns dias depois, encontro-me com Kennedy para almoçar no Nairóbi Java House. Kennedy gasta muito tempo analisando o cardápio. Peço um sanduíche e uma salada e, depois de uma pausa calculada, Kennedy pede exatamente as mesmas coisas. Ele come de maneira desajeitada, segurando o garfo incorretamente. Discutimos detalhes

sobre o projeto de teatro e sobre seus esforços em recrutar jovens para participar, assim como as horas programadas para os ensaios.

Finalmente, começamos a falar sobre o meu e-mail, quando toco no assunto.

Kennedy repete enfaticamente que nenhuma pessoa branca viveu dentro das favelas de Quibera por mais de algumas noites — algumas semanas no máximo. Simplesmente não é possível. Em vez disso, sugere que me mude para o escritório da SHOFÇO em Olympic.

Estou determinada a provar que ele está errado, mostrando-lhe que as diferenças entre nós não são tão grandes quanto as que deveria estar imaginando.

dois

kennedy

Aos 6 anos, encontrei meu primeiro fio de cabelo branco. Estava no alto da cabeça, bem no meio, e quando minha mãe o viu, me deu um abraço apertado e anunciou que aquilo era um sinal de sabedoria: uma profecia sobre o meu futuro. Ela ficou cheia de orgulho e foi correndo contar a todos que quisessem ouvir, afinal, havia uma luz no fim do nosso opressor túnel da pobreza: a grandeza da profecia anunciada pelo meu cabelo branco. Mas eu sabia que era mais do que isso. Até os 6 anos, já havia superado o que muitas pessoas nunca enfrentaram até os 60, e meu único cabelo branco era tudo que eu tinha como prova.

Nasci em meio a uma seca terrível. Minha mãe tinha 15 anos, era solteira e vivia assustada numa aldeia rural onde era discriminada por todos — com exceção de sua própria mãe, minha avó Esther. Ser concebido fora do casamento era perigoso para um bebê, sobretudo se fosse menino. Na aldeia, era comum que os homens da família da mãe matassem bebês do sexo masculino nascidos fora do casamento ou os levassem para a mata deixando-os à morte. Um menino desses seria considerado uma ameaça à terra ancestral da família materna.

Sem um casamento que atrelasse a criança a um pai, o garoto poderia, um dia, exigir herdar parte da terra dos parentes. Logo, minha mãe rezou pedindo por uma menina.

Entre os mais velhos da aldeia, há aqueles que enxergam e sabem das coisas. Eles têm uma sensibilidade especial com segredos e profecias que nós não temos, por isso seus poderes são respeitados. Um dia, durante a seca, uma vidente poderosa teve uma visão. Ela veio à choupana da avó Esther e contou que um bebê nasceria naquela mesma noite. Na minha aldeia, a premonição de uma vidente sobre um nascimento era algo impactante, e a aldeia passou o dia inteiro eufórica com a profecia.

De fato, nasci naquela noite. Minha mãe deu à luz, aos 15 anos, na pequena choupana da avó Esther, sem a assistência de nenhuma parteira. Ninguém da aldeia quis ajudar, até as parteiras tradicionais tiveram receio de se contaminar com a má reputação de minha mãe. Quando a dor foi ficando insuportável, a mão da vovó era tudo que havia sobrado para minha mãe apertar. Eis que meus pés saíram primeiro. Assim que minha avó viu os pés, ela entendeu o porquê da profecia. Esse não era um parto normal. Era o fim. Esther apavorou-se pensando que pudesse perder ambos: a filha e o novo neto — seria a primeira vez na nossa aldeia que mãe e filho sobreviveriam a um parto pélvico, e sem nenhuma assistência médica. Minha avó rezou e pediu que a morte fosse tranquila, enquanto, sentada, segurava a mão da filha, acreditando que aquela seria a última vez. Mas foi uma noite repleta de milagres. Ambos sobrevivemos e conta a lenda que, ao som do meu primeiro choro, a chuva chegou. Odede significa “depois da seca”. Choveu sem parar por dias e dias.

Após meu nascimento, os anciãos da aldeia convocaram uma reunião especial para discutir o destino do bebê. Ao levar em consideração o fato de que era uma mãe solteira, provavelmente, o menino se tornaria um problema no futuro. Talvez precisassem levá-lo para a mata, deixá-lo para os cães, como haviam feito tantas vezes antes. Entretanto, eles pararam para refletir, afinal, esse menino havia chegado ao mundo pelos pés. Segundo a crença da nossa etnia

luo, somente reis e líderes tribais sobrevivem ao parto pélvico. Sem falar da chuva — como poderiam explicar a chuva? Os luos levam esses sinais muito a sério. Minha mãe sempre contava que, naquele dia, enquanto esperava pela decisão sobre meu destino, seu coração se recusava a seguir batendo.

Muitos aldeões juntaram-se para ouvir o anúncio. O vidente da aldeia, Ojimbo Maloko, um homem idoso, levantou-se e decretou em alto e bom som que eu era uma bênção, porque meu nascimento trouxera as chuvas. Minha avó me contou que, naquele momento, ela caiu aos prantos; as palavras “*Nyasaye duong*”, que querem dizer “Deus é grande”, saíram fluando de seus lábios e seguiram até os céus. O vidente decretou que eu não era apenas um bebê da aldeia, mas do mundo, e que, por isso, precisava receber o nome de um líder.

Os moradores passaram vários dias sugerindo nomes. Eles indicaram Ramogi, um grande vidente luo, ou Luanda Magere, um guerreiro famoso. Não satisfeito com as sugestões, Maloko seguiu insistindo que esse bebê merecia um nome de repercussão mundial. Então, minha avó sugeriu o nome do presidente norte-americano, cujo programa “airlifting”⁴ havia levado de nossa região muitos jovens talentosos a estudar nos Estados Unidos. Quando nasci, esses jovens estavam retornando ao Quênia, para tornarem-se grandes médicos, advogados e líderes políticos — um deles foi o pai de Barack Obama — e, por causa disso, cada um dos habitantes das terras dos luos sabia quem era John F. Kennedy. E, assim, me tornei Kennedy Odede.

Antes que eu completasse 2 anos, minha mãe casou-se com Babi e mudou-se com ele para Nairóbi, um lugar que, segundo as histórias que Babi ouvira, era onde havia trabalho em abundância, e onde os problemas desapareciam. Eles me deixaram na aldeia com a avó Esther.

⁴ N. do T.: Referência ao “Kennedy Airlift”, como era conhecido o programa de intercâmbio estudantil que, entre 1959 a 1963, levou mais de 800 jovens africanos, principalmente do Quênia, para os EUA e o Canadá, recebendo o apoio de muitas instituições e personalidades, como o então senador John Kennedy.

Eu era o xodó da minha avó e, mesmo sendo criança, sabia disso. Ela sempre me alimentava primeiro, e se justificava dizendo que eu era um menino franzino em fase de crescimento. Ela brincava comigo e me segurava no colo, fazia cócegas e me carregava para todo lado, porque eu não conseguia andar até muito depois da idade em que deveria. Nunca vou esquecer as mãos gentis de Esther, o acolchoado de seus braços, e como ela me colocava no chão com cuidado, sempre de olho em mim. Para os outros, eu era um fardo.

Quando cheguei aos 3, Esther foi mordida por um cão infectado com raiva. Ela sofreu demais antes de morrer. Sem compreender a gravidade da situação, eu subia na cama dela e perguntava quando iríamos novamente ao mercado. Fiquei com ela até o fim e, lágrimas escorreram de seus olhos ao me lembrar de que, apesar de tudo, eu nunca deveria esquecer meu papel no mundo. Meus tios na aldeia não me quiseram, então minha mãe foi obrigada a ir me buscar e levar para a cidade. Meu segundo nome, Owiti, significa “criança indesejada ou descartada”.

Em Quibera, não havia mais mãos gentis. Pelo jeito como as pessoas me tocavam, eu sabia que era um fardo, mais uma boca que não podiam alimentar. Quando me carregavam de um lugar a outro, podia sentir meu próprio peso e perceber o desprezo que sentiam quando me jogavam no chão. Aos quase 4 anos, minha família já havia perdido as esperanças de que um dia eu caminharia. A minha deficiência trazia para a família mais vergonha do que nossa pobreza. Até que um dia, em Quibera, dei meus primeiros passos. Fiquei em pé perto de um córrego de esgoto e atravessei uma ponte improvisada, caminhando sozinho. A notícia se espalhou rapidamente: o menino daquela familiazinha que levava seus piolhos para todo lado que fosse havia conseguido caminhar.

Aos 5 anos, eu tinha uma única bermuda, mas nenhuma camisa ou par de sapatos. Minha irmã Jackie, dois anos mais nova que eu, tinha duas peças de roupa, porque havia herdado uma camiseta que não me servia mais. Babi não podia comprar um cinto, então costumava usar uma corda. As mulheres de nossa comunidade diziam

que nem os insetos poderiam sobreviver às condições em que nós vivíamos. A água vendida pelos comerciantes em Quibera era demasiado cara e, portanto, pegávamos galões de água do córrego de esgoto, e minha mãe tentava filtrar essa água com areia.

À noite, nenhum de nós conseguia dormir. A gente se mexia, se coçava e revirava na cama, devido à infestação de piolhos e pulgas que deixavam nossos corpos cheio de marcas vermelhas. Um dia, minha mãe teve sorte e conseguiu comprar numa loja das redondezas um pedaço de sabonete do tamanho de uma moeda. Naquela manhã, ela acordou cedo e cada um de nós tomou banho, usando o mínimo possível de água e sabonete. A falta de costume com a espuma deixou meu corpo formigando e minha irmã Jackie chorando. Em seguida, minha mãe lavou nossas roupas e as espalhou para secar ao sol na pequena área entre nossa casa e os vizinhos. Eu estava sentado no chão de casa, limpo e tremendo de frio, quando ouvi uma agitação do lado de fora.

— Você quer passar suas doenças para todos nós! Tire essas roupas sujas daqui! — Era uma de nossas vizinhas, Mama Omondi, gritando.

Olhei para o rosto de minha mãe. Ela é uma mulher muito orgulhosa, e vi que era como se não estivesse escutado nada. Ela nem se mexeu, não deu a menor importância à Mama Omondi com uma resposta, apenas continuou cuidando da água fervente para o chá, em nossa única panela, e preocupada em usar o mínimo possível de *mafuta* (óleo de cozinha) para ferver a água. Mama Omondi não sossegou, continuou a nos insultar e falar da nossa pobreza, até que ouvimos o barulho de alguma coisa acontecendo. Ela havia pegado nossas roupas limpas e jogado no chão e estava pisando nelas para deixar claro seu recado. Quando vi nossas roupas limpas cobertas de terra, comecei a chorar. Sabia que, provavelmente, não conseguiríamos outro sabonete nunca mais. Minha mãe se aproximou e enxugou minhas lágrimas. Carinhosamente, me acalmou e disse que, independentemente do que acontecesse na vida, eu nunca deveria desistir. Piscou um olho para mim e tirou um pequeno pedaço de sa-

bonete do bolso; ela o havia guardado para outro dia! Ela era minha heroína. Partia meu coração de cinco anos ver os vizinhos tratando minha mãe daquela forma, mas ela me ensinou, desde cedo, que não valia a pena se importar com isso.

Minha mãe é a pessoa mais forte e corajosa que conheço. Quando eu era criança, a sensação de alegria e força que ela sentia, desafiando as expectativas ou defendendo o que acreditava, não importa a quantas pessoas ela tenha causado estranheza, muitas vezes me fez temer por dela. Não entendia por que ela sempre se arriscava tanto. Com o passar do tempo, aprendi a respeitar e admirar suas convicções.

Minha mãe, Jane Achieng, ou Ajey como a chamamos, nasceu uma rebelde. Oitava de 12 filhos nascidos numa remota aldeia rural do Quênia, nunca tivera a chance de ir para a escola porque era menina; seu lugar no mundo consistia em casar-se e ter filhos. Tinha sido obrigada a passar os dias dando duro no trabalho doméstico, caminhando durante horas para ir buscar água, e preparando a comida, geralmente mingau, para os irmãos comerem ao voltar da escola todos os dias. Quando podia, sentava-se com os livros deles e tentava aprender a ler sozinha. Fazia isso escondido, porque uma menina lendo era uma ousadia, mas ela queria de toda forma aprender os códigos secretos das palavras.

Quando Ajey fez 12 anos, as colegas da mesma idade já estavam, em sua maioria, casadas com homens mais velhos e de aldeias próximas. Era muito raro uma garota protestar — quando acontecia, era sequestrada e forçada a casar. Uma das amigas de Ajey foi pegar água e nunca mais voltou — a notícia que correu foi que a família havia recebido um belo dote, e que isso não era motivo de luto, mas sim de celebração. Minha mãe não queria um casamento arranjado para ela. Apesar de sua pobreza, ela tinha desejos irrealistas, de casar-se com alguém que pudesse escolher. Imagino que, como qualquer garota adolescente na flor da idade, ela desejasse ser tocada e tratada, por um momento, como a bela mulher cheia de vida que estava se tornando.

Quando tinha 13 anos, o conselho de anciãos, chamado *baraza*, decidiu que ela se tornaria a sexta esposa de um homem bem mais velho de uma aldeia vizinha. Ao saberem que esse homem era muito rico para alguém como Jane Achieng, a maioria dos moradores da aldeia ficou chocada. Ter mais que duas mulheres era um sinal de riqueza. Toda a aldeia ficou muito orgulhosa com essa vantajosa união; afinal, minha mãe trouxera essa benção para todos. O presente do noivo consistiria em sete vacas e dez bodes, uma quantidade que não se via na aldeia havia muitos anos.

Minha mãe não enxergou dessa forma. Ela não queria casar-se com um homem que tinha idade para ser seu avô. Mas que alternativa lhe restava? Avó Esther se compadeceu; ela amava minha mãe e, apesar de Esther nunca ter estudado, era uma mulher à frente de seu tempo, que não queria ver a filha entregue a uma vida de sofrimento. Esther era a segunda esposa do meu avô — a primeira, Alice, não podia ter filhos. Mas Esther e Alice eram grandes amigas, como irmãs. Embora não pudesse ter filhos, Alice ajudou nos 12 partos de Esther.

Sem poder enfrentar a decisão dos anciãos sobre o noivado de Ajey, Esther ajudou minha mãe a fugir no meio da noite. Ela arranjou para Ajey morar com sua irmã numa aldeia tão distante que ninguém saberia seu paradeiro. Ajey permaneceu escondida na aldeia da minha tia por muitos meses, porém, quando seu pai faleceu, teve que voltar para o enterro. Ao chegar à aldeia, ninguém lhe dirigiu a palavra, com exceção de Esther. Ajey foi amaldiçoada, e até responsabilizada por uma seca insuportável. Nenhuma família queria que suas filhas se relacionassem com minha mãe; ninguém queria se aproximar dela para ser contagiado por sua má sorte. Após desrespeitar, de livre vontade, a deliberação dos anciãos e os desejos de um homem poderoso, não havia mais lugar para ela na sociedade. Os moradores da aldeia tentaram tornar sua vida um inferno para que servisse de exemplo às outras garotas, assim, nenhuma delas se atreveria a comportar-se do mesmo jeito.

Quando Ajey tinha 14 anos, os anciãos vieram à sua casa e anunciaram que aquele seria o último aviso — case-se; ela estava sendo

um péssimo exemplo para as garotas da aldeia. Ninguém podia contrariar os anciãos, e minha mãe estava ciente de que, a qualquer momento, um pretendente seria apresentado contra sua vontade. Após alguns dias, acharam outro homem, com idade suficiente para ser seu avô. Esse homem veio de outra aldeia, de nome Sakwa. Tinha quatro esposas, e minha mãe seria a quinta.

O velho veio inspecionar minha mãe acompanhado por um comboio de bicicletas. Ela permaneceu sentada, calada e paralisada. Logo o velho reuniu-se com meus tios para negociar o preço da noiva, enquanto tomavam uma bebida local. Cada parte indicou seu negociador. Um tio elencou as qualidades de minha mãe: jovem, boa cozinheira e forte o suficiente para arcar com os trabalhos pesados. O velho não regateou. Ao contrário, ele dobrou o dote para demonstrar sua satisfação — ele também era um homem rico e queria que todos soubessem disso.

Uma vez fechado o acordo, chamaram minha mãe para cumprimentar formalmente seu futuro marido. Naquele mesmo dia, ela partiria para tornar-se sua esposa. Meus tios entregaram Ajey, sabendo que o dote viria em seguida. Em nossa cultura, primeiro leva-se a garota, depois entrega-se o gado. Quando ela segurou a mão do velho, sentiu como se tivesse apertando um papel enrugado. Minha mãe ficou enfurecida e perguntou se, antes de partir para a nova casa, poderia terminar a comida que estava fazendo. Ela voltou à cozinha e começou a preparar um mingau. Assim que ficou pronto, despejou o mingau quente e fumacento numa cabaça e retornou para onde os tios e o velho a aguardavam — todos estavam sorridentes ao ver Jane Achieng tão respeitosa diante de suas obrigações de esposa.

Em vez de entregar a cabaça ao velho, ela jogou o mingau fervendo em seu rosto.

O velho soltou um gemido, como se fosse uma criança e todos saíram correndo. Ao tentar escapar de Ajey, os anciãos e seus irmãos tropeçaram e seus rostos ruborizaram de vergonha e raiva. Minha mãe fugiu da aldeia, longe de seu destino. A história se espalhou

pelas aldeias da região. Nada parecido havia acontecido antes. Seus irmãos juraram dar-lhe uma lição; prometeram amarrá-la e espancá-la perante todos na aldeia.

Minha mãe permaneceu escondida por um ano na casa de outra tia. Enfim Ajey havia se safado, não apenas de um, mas de dois casamentos arranjados. Às vezes, pergunto-me se isso serviu de algo. Independentemente para que lado ela corresse, mais cedo ou mais tarde Ajey teria que se casar — em nossa sociedade era inaceitável a existência de uma mulher solteira. Daí, eu nasci e, em seguida, Ajey consentiu casar-se com Babi. Babi era filho único e tinha abandonado o ensino médio por causa de drogas. Apesar de jovem, já era alcoólatra e tinha fama de ser violento. Era considerado o par perfeito para a monstruosa Jane Achieng. Ajey casou-se com Babi para poder cuidar de mim, e logo eu também passei a fazer parte de seu sofrimento.

Eu gostava mais de Babi quando ele estava só um pouco bêbado, pois esse era o único momento em que ele ria ou fazia piadas com a gente.

— Algumas vezes, ser pobre é a melhor coisa na vida. Vocês, crianças, sabem que as pessoas ricas passam a vida se preocupando o tempo todo? Somos pobres e felizes!

Interrompi sua fala.

— Babi, não somos felizes. Falta comida, refrigerante, brinquedos e uma TV. Crianças ricas têm tudo isso e seus pais os levam para a escola. Como podemos ser felizes?

Babi virou-se para mim e admitiu:

— Sei disso tudo, mas escute. Vejo os ricos na cidade e ouço como vivem; eles têm sempre medo de que alguém vá roubar suas coisas, eles não conseguem dormir tranquilos como você, e os filhos deles não são como você e sua irmã Jackie. Suas crianças são mimadas.

Jackie e eu ríamos orgulhosos. Não sabia o que significava ser mimado, mas sabia que não era algo bom e, como toda criança, adorava quando meus pais diziam algo legal a meu respeito. Era raro Babi fazer isso, sobretudo comigo: ele sempre pegava no meu pé.

Costumava me bater muito mais do que batia na minha mãe, seus golpes me deixavam sem ar. Ele tinha um prazer especial em me bater, enquanto a forçava a assistir tudo sem poder me socorrer. Desde cedo, aprendi a ficar longe de seu caminho.

Eu gostava de Babi quando ele estava meio bêbado também. Estar meio bêbado o deixava bastante cansado. Ele ainda lançaria insultos contra todos nós, mas que pareciam menos pesados. Às vezes, ele atirava algumas coisas ou empurrava um pouco minha mãe, mas logo adormecia, e todos nós dávamos um suspiro de alívio.

Quando ele estava muito bêbado, sabíamos que a encrenca viria, e rapidamente. Uma vez, quando eu tinha apenas 5 anos, ele me bateu com tanta força que não consegui segurar as fezes — meu único crime fora pedir à minha mãe outra colher de arroz. Babi odiava me ver comendo. Às vezes, Ajey me dava algo de comer antes de ele chegar, por precaução. Uma vez, ele a pegou fazendo isso e derramou a água fervente do chá na cabeça dela. Gritei, porque sabia que eu era a causa daquela dor.

Em Quibera, era fácil saber se os vizinhos tinham comida ou não. Você tem que sair de casa para acender seu fogão a carvão, uma jiko, uma vez que a chama precisa de ar livre para pegar. Se você não leva o fogão para fora para cozinhar, estará mostrando à vizinhança a profundidade do seu sofrimento. As mulheres dos arredores gostavam de contar vantagem, principalmente nossa vizinha Mama Omondi. Todo mundo sabia quando elas estavam cozinhando carne. Às vezes, minha mãe também fingia que estávamos cozinhando e, mesmo sem ter nada para pôr na panela, ela acendia o fogão do lado de fora. Ela nos mandava esfregar os lábios com óleo para que ficassem brilhantes, como se tivéssemos comido alguma coisa, caso um vizinho viesse visitar. Ela não deixava que fôssemos comer na casa dos vizinhos, alertando que depois eles falaria mal da gente pelas costas.

— Você não deve aparecer nu em público — ela costumava dizer.

À noite, nos sentávamos no chão do único cômodo da casa para rezar em nossa língua nativa, cada um pedindo secretamente em nossos corações para que Deus nos ouvisse — dessa vez — e nos concedesse um alívio momentâneo a essa pobreza sufocante. Minha mãe nunca fora à escola, mas podia ler e escrever em *Dholuo* (sua língua nativa). Amava ler os provérbios da Bíblia — o único livro em nossa casa. Após a leitura, todos cantávamos os hinos até a hora de dormir. Em muitas noites, meu estômago fazia ruídos tão altos que era como se ele quisesse cantar conosco.

Houve uma época em que Jackie e eu costumávamos sair de mansinho na hora do almoço para comer na casa de Mama Omondi, mesmo sabendo que minha mãe odiaria saber que comíamos na casa da vizinha. Até que, um dia, durante uma briga entre Mama Omondi e minha mãe, Mama Omondi gritou:

— Mulher, não discuta comigo, afinal, você nem consegue dar de comer a seus filhos! Sou eu quem sempre dá comida a eles. Por que você põe no mundo tanta criança, se não tem como lhes dar de comer?

Minha mãe ficou furiosa. A Jackie e eu tentamos negar o fato, mas sem resultado. Fiquei com medo de voltar para nossa casa. Quando minha mãe fica descontrolada, ela consegue espantar até a fome.

Naquela noite choveu. Ensopado e faminto, sentei-me num beco perto de casa, escondido pelas sombras do entardecer, enquanto passava o tempo desenhando na lama. Não me importava em ficar do lado de fora. Odiava nossa casa quando chovia. O telhado, uma combinação mal feita de papelão e chapas velhas de ferro, fazia com que a água escorresse, ensopando as caixas de papelão usadas como colchões.

— Aqui — murmurou uma voz, enquanto um braço estendido apareceu com um valioso pedaço de pão.

Era Omondi, meu querido amigo e parceiro — filho de Mama Omondi. Hesitei por um segundo, antes de aceitar sua generosa oferta.

— Não se preocupe, não vou contar para ninguém — afirmou ele.

Omondi e eu nos sentamos juntos na chuva, enquanto eu comia vagarosamente, saboreando cada mordida. Aí, olhamos um para

o outro e trocamos sorrisos travessos, afinal, nosso passatempo favorito era brincar na chuva! Corremos pelos becos, escorregando na lama e rindo de alegria. Na beira da rua, achamos os restos de uma sacola plástica preta; seguimos desfilando pela rua nos imaginado ricos e segurando um elegante guarda-chuva preto.

Omondi e eu costumávamos fabricar nossos brinquedos. Fizemos uma bola de futebol usando cordas e sacolas plásticas descartadas. Com latas de alumínio fabricamos ônibus e carrinhos. As outras crianças admiravam nossos trabalhos manuais e, algumas vezes, a gente negociava o uso da bola em troca de comida. Minha tia Atieno me apelidou Ogwanjo, que significa desportista brilhante e audacioso, porque eu gostava de jogar futebol e fabricar essas bolas feitas de lixo e cordões.

Um dia vi algo muito estranho: pessoas com uma pele assombrosamente pálida perambulando pelas ruas; parecia que tinham acabado de sair das covas do cemitério. *Mzungus*. Eles carregavam uma máquina preta que, ao ser apontada na minha direção, disparava uma luz clara. Gritei. Pensei que a máquina fosse me machucar, e então fugi. Um tempo depois, descobri que era uma câmera fotográfica. O *flash* e as vozes daquelas pessoas estranhas haviam me deixado apavorado. A gente não os via com muita frequência, menos de uma vez ao ano. Mas, toda vez que os via, eu corria e me escondia.

Formei diversas opiniões sobre eles; primeiro, não imaginei que fossem espertos, porque adoravam tirar fotos de coisas tolas, como as galinhas na rua, os barracos e outras coisas nada interessantes. Segundo, após ver um menino tocar a pele de um deles e sair gritando “Como vai?”, durante anos pensei que o nome das pessoas brancas fosse “Como vai?”; eu também toquei a pele deles e achei macia, mas fiquei surpreso e um pouco decepcionado, porque pensei que, ao tocá-la, deixaria uma marca em mim.

Omondi frequentava uma escola local de educação informal, porque sua família podia pagar a taxa de cinco dólares por mês. Natu-

ralmente, minha família não podia pagar nem a taxa mínima, mas Omondi compartilhava suas aulas comigo. Quando ele fazia o dever de casa, eu me juntava a ele. Ele me ensinava o que estava aprendendo, enquanto eu desenhava as letras com seu precioso lápis, escrevendo antes dele e apagando em seguida, para que ele pudesse escrever na vez dele.

Eis que, de repente, da noite para o dia, Omondi começou a ficar doente e fraco, sem forças suficientes para brincar. Eu ficava horas a fio no chão de sua casa, olhando para ele deitado ali: imóvel. Ninguém sabia o que ele tinha — talvez fosse sarampo, talvez malária, talvez apenas pobreza. Minha mãe disse para eu não ir à casa dele porque poderia pegar o que ele tinha, mas eu não me importava. Ele sempre desobedecia sua mãe para me ajudar; eu não ia abandoná-lo logo agora.

Até que, um dia, ele estava morto, aos 8 anos. A família dele não tinha como pagar para levar o pequeno corpo de Omondi até o necrotério. Ele permaneceu no assoalho da casa, e após uma semana, seu corpo tinha inchado e começado a cheirar mal. As crianças não tinham permissão para ver o defunto; mesmo assim, eu entrava sorrateiramente para vê-lo, porque queria saber se ele voltaria. Ninguém explicou o que estava acontecendo; sentia-me sozinho e assustado. Todas as noites, a comunidade se reunia e tocava música bem alto, orava e coletava dinheiro para levar Omondi ao necrotério, até que tivessem conseguido a quantia suficiente. Vi Omondi sendo carregado. *Meu amigo não é mais o mesmo*, pensei. *Ele dorme, mas é como se já não estivesse mais aqui*.

Depois disso acordei no meio da noite, suando e gritando por causa dos pesadelos. Queria meu amigo Omondi de volta. Percebi o quanto ele tinha me ajudado, como havia sido generoso, apesar da idade. Não podia dormir com medo de sonhar com ele, outra vez. Recusava-me a caminhar no escuro por ficar apavorado com a ideia de poder vê-lo.

Algumas semanas depois, outra vizinha faleceu, era uma garota de uns 20 anos. A morte dela causou mais medo. Naquela época,

ninguém realmente sabia o que era AIDS, e quando as pessoas adoeciam e morriam da doença, seus corpos repletos de feridas deixavam todo mundo assustado. Os corpos eram embrulhados em panos, até a família conseguir dinheiro para comprar um caixão, e a casa era isolada. Todos tinham medo de que essas mortes cruéis também pudessem afetá-los. Eu estava vendo quão cruel o mundo podia ser; os mais desafortunados têm medo da rapidez com que a desgraça pode, inevitavelmente, sempre piorar.

Certa noite, a porta foi chutada e dois policiais invadiram nossa casa. Eles eram altos, calçavam grandes botas e ostentavam armas ainda maiores. Houve uma confusão repentina. Minha irmã Jackie agarrou-se à perna de Babi, e a recém-nascida, Liz, começou a choramingar. Pulei do caixote de papelão onde dormia, cobrindo minha nudez, e me escondi, meio dobrado, no canto da casa.

— Ele — Os policiais apontaram para Babi.

Naquele dia, Babi teve a sorte de conseguir um serviço de soldador, mas, assim que a polícia o chutou, a verdade surgiu. Aparentemente, algumas coisas haviam sido roubadas no local naquele dia, e Babi estava sendo acusado. Minha mãe gritou quando um dos policiais chutou selvagememente com sua bota as costelas de Babi. Em casa, Babi era sempre o agressor, nunca a vítima, e ao vê-lo apanhando eu não sabia o que pensar. Rezei, em silêncio, para Liz se acalmar — ela era meu bebê, já que passava os dias sob meus cuidados. O outro policial vasculhou nossa casa, quebrando um de nossos pratos e estragando outros pertences, enquanto procurava pelos objetos roubados.

— Não estão aqui, não vejo nada — disse a seu colega.

Babi ficou deitado tremendo, segurando as costelas quebradas, tendo um olho machucado e o nariz sangrando. Senti o gosto da bile fermentando na boca. Se olhasse para ele, iria vomitar; vê-lo tão vulnerável me dava uma sensação de prazer e terror.

— Leve-o embora — grunhiu outro policial. — Talvez tenha escondido ou vendido a mercadoria. Vamos dar a eles o que merecem.

— Não, por favor! Estou grávida! Tenho três crianças! Por favor! Precisamos comer! — minha mãe soluçou histérica, e atirou-se

contra Babi, numa visível demonstração de afeto entre os dois, como eu nunca vira antes. A polícia tirou-a do caminho à força e arrastou Babi para fora de casa.

Enquanto minha mãe permanecia deitada no chão segurando a barriga, chorando e arrasada, prometi a mim mesmo que me tornaria um *ogwanjo*, um guerreiro, só para defendê-la. Dentro de mim, sabia o quanto minha mãe me amava e sempre me ajudava, mesmo que frequentemente tivesse medo de demonstrar seus sentimentos por conta do que Babi poderia fazer com ela, e queria ajudá-la de qualquer maneira. Peguei a bebê Liz e a segurei em meus braços balançando-a, gentilmente. Olhando em retrospecto, era apenas uma criança confortando outra criança, mas naquela noite não foi isso que senti. Parecia que eu estava carregando o mundo nas costas.

Com a prisão de Babi e sem o dinheiro que ocasionalmente ele trazia, ou melhor, o pouco que sobrava após suas bebedeiras, ficamos desesperados. Não havia ninguém para nos ajudar. Nossa moradia era conhecida dos vizinhos, pelo barulho e caos causado pelas frequentes brigas de meus pais; e, como se não bastasse, esse último episódio envolvendo a polícia não havia ajudado em nada.

Foi aí que minha mãe teve uma ideia. Na manhã do sábado seguinte, convidou um grupo de mulheres para encontrá-la na igreja. Ela deixou Jackie cuidando de Liz e pediu que eu a acompanhasse.

— Kennedy, preciso da sua ajuda para escrever.

Não havia sido alfabetizado formalmente, mas tinha aprendido com Omondi e outro amigo, Boniface, que era o cara mais descolado da rua: as roupas que vestia eram perfeitas para seu tamanho, e frequentava a escola de educação informal. Para evitar minha influência negativa, as crianças eram alertadas para ficar longe de mim, e tudo isso por conta da má reputação de minha família. Mas Boniface era valente e não ligava para o que os outros pensavam.

Boniface e eu fizemos um acordo: ambos iríamos aprender a ler e escrever, assim, quando fôssemos mais velhos, vivendo em lugares

distintos e distantes, poderíamos escrever cartas um para o outro. Todas as tardes, eu esperava impaciente que ele voltasse para casa, ansioso pelos conhecimentos que trazia em seu caderno de anotações. Enquanto Boniface estava na escola, eu procurava jornais velhos nas ruas e no lixo. Lê-los era uma luta, e eu marcava com o lápis as palavras difíceis, que Boniface anotaria para levar até o professor. Todo dia, Boniface ia até o professor com uma longa lista de palavras que nós não conseguíamos ler. Apesar de não ser eu quem frequentava a escola, acabei me tornando melhor e mais rápido que Boniface. Até que, um dia, o professor ficou cansado da nossa curiosidade e instruiu Boniface a parar de compilar palavras fora do currículo; em vez disso, ele deveria focar no dever de casa.

Dessa forma, continuei fazendo minha lista de palavras, esperando pelo domingo, quando o Padre Francis realizava o serviço religioso na igreja de St. Michael. Depois da missa, pedi a ele que me ajudasse a ler aquelas palavras. Ainda de batina, ele me olhou e perguntou em tom jovial:

- Kennedy, como posso te ajudar?
- Padre, por favor me ajude a ler estas palavras.
- Tente antes sozinho, depois tentamos juntos.

Esforcei-me mas foi inútil. Ele tirou o papel das minhas mãos e começou a ler as palavras para mim. Ele sugeriu que eu as repetisse depois dele. Assim fiz, e ele ficou perplexo.

- Kennedy, já consegue ler sozinho?
- Sim — respondi.

Li para ele, e padre Francis deduziu que eu era o que chamam de “cérebro afiado”; mas, como eu não via lâmina nenhuma, apenas balancei a cabeça, confuso. Indaguei se poderia trazer-lhe, de novo, outras palavras. Ele sugeriu que deveríamos sempre fazer isso aos sábados, e assim virou nossa rotina. Quando fui embora, ele me perguntou:

- Onde consegui mesmo esse vocabulário?
- Em jornais velhos que encontrei na rua, no lixo.

Ele me olhou e, balançando a cabeça afirmativamente, concluiu que era impressionante. Prometeu trazer-me revistas no sábado seguinte.

Meu inglês melhorou muito, e até Boniface ficou surpreso. Fiquei muito melhor que os meninos que iam à escola. Continuei perturbando padre Francis com perguntas sobre definições e pude perceber que ele, também, foi ficando cansado de mim. Ele não conseguia me acompanhar e constatou que meu vocabulário estava se tornando difícil até para ele. Por fim, ele me deu o caminho das pedras — um dicionário.

Então, voltando ao começo da história: o que minha mãe queria que eu escrevesse? Por quê? Até ela sentir-se pronta, recusava-se a contar.

Quando chegamos à pequena igreja construída com chapas de ferro, havia 20 mulheres reunidas. Não sei o que foi que minha mãe disse para elas comparecerem, porque muitas delas nem gostavam da minha mãe. Contudo, ela poderia ter sido uma política estrategista profissional: sempre encontrava uma maneira de fazer as pessoas a seguirem.

Ajez foi direto ao ponto. Sem querer parecer simpática ou pretensiosa, dirigiu-se às mulheres, comandando a sala como se tivesse nascido para fazer discursos como este:

— Vamos deixar nosso orgulho de lado, todas nós sabemos que temos problemas com dinheiro. Quando conseguimos algum, nossos maridos tomam conta, e nunca temos bastante para nossas necessidades. Tenho uma ideia de como conseguirmos nosso próprio dinheiro.

Agora, sim, todas as presentes na sala estavam prestando atenção! Fiquei observando minha mãe tomada, ao mesmo tempo, pela sua coragem e ingenuidade, enquanto seguia falando.

— Vamos nos encontrar toda semana e trazer 50 xelins (o equivalente a US\$ 0,50) para cada encontro. Juntamos o dinheiro e assim 50 xelins tornam-se 1 mil, e cada semana esse dinheiro vai para uma pessoa diferente. Com esse dinheiro, podemos começar nosso próprio negócio, ganhar mais dinheiro, e até economizar um trocado para as emergências. Seguimos fazendo isso até que todas tenham conseguido a quantia de 1 mil, e daí

começamos de novo, desta vez cada pessoa contribuirá com 100 xelins por semana.

— Podemos conseguir — Ajey finalizou calmamente. Ela parecia uma pregadora ou uma lutadora.

Por um momento, a sala ficou em silêncio, mas de repente todas começaram a falar ao mesmo tempo. Minha mãe tinha tocado no ponto nevrálgico.

— Precisamos assinar nossos nomes e nos comprometer a participar, e doar o dinheiro toda semana, sem falta. Se uma de nós falhar, então todas falharemos. Alguém aqui sabe escrever?

Ninguém levantou a mão; minha mãe olhou para mim e deu uma piscadinha. Agora, sim, entendi. Aos 10 anos, havia me tornado o secretário oficial do círculo de empréstimos das mulheres.

— Podemos começar amanhã? — perguntou, apressada, uma mulher.

Vi minha mãe respirando ofegante; ela também estava preocupada com isso. O caos se restabeleceu, enquanto todas começaram a falar como conseguiriam 50 xelins naquele mesmo dia. Todas estavam determinadas a tentar.

Na tarde seguinte, todas as mulheres encontraram-se novamente na igreja e, com exceção de duas delas, as outras haviam conseguido os 50 xelins. Minha mãe havia tirado seus últimos trocados do esconderijo secreto, debaixo do colchão de papelão. Ela vinha planejando isso há algum tempo. O grupo teve eleições oficiais e declarou minha mãe a presidente e eu, o secretário. Ajudei todas as mulheres a assinar seus nomes, ou iniciais, em um pedaço de papel, sem conseguir conter o orgulho de mim mesmo. Daí chegou o momento em que tiveram de decidir quem receberia a primeira semana da coleta. Minha mãe escolheu Mama Otieno para ser a primeira beneficiada.

Assim que vi Ajey entregando o dinheiro, entrei em pânico, e a cutuquei com o cotovelo cochichando:

— Ajey! O que está fazendo? Aqueles eram nossos últimos trocados; sem eles não teremos nada! Precisamos demais daquele dinheiro!

Ela me fitou:

— Kennedy, às vezes confiança exige sacrifício.

Durante todo o caminho para casa não lhe dirigi a palavra; sua bela fala nos deixaria com fome durante uma semana.

Três semanas mais tarde, foi a nossa vez de pegar o dinheiro e comemorei dançando na rua! Após o encontro, Ajey e eu fomos direto ao mercado e ela investiu dobrando o estoque da venda de tomates, comprando cebolas e também *sukuma* (couve). Vendemos o estoque todo em uma noite. Pela primeira vez, após semanas, minha mãe cozinhou orgulhosa o jantar do lado de fora, para que todos os vizinhos nos vissem.

Enquanto comíamos, minha mãe compartilhou conosco algumas sábias palavras:

— Vocês têm que saber que no mundo em que vivemos existem duas coisas: um Deus e pequenos deuses. Vejam bem, há um Deus, mas ele está ocupadíssimo. Ele tem que se preocupar com os problemas de todos no mundo, então não esperem que Ele vá resolver os de vocês logo. Isto posto, há pessoas como as que encontramos. Essas pessoas se tornaram nossos pequenos deuses, capazes de nos ajudar nas lutas diárias, ao longo da nossa jornada.



Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar
ou acesse pelo QR Code abaixo.

